

Marshal Berman (1940-2013): o marxismo contra a tristeza

2013/09/16 - 2:15pm

Adriano Campos ^[1]

Falecido a 11 de setembro, aos 72 anos, Berman foi um dos pensadores marxistas mais importantes da segunda metade do século XX e, com toda a certeza, o mais doce e o mais afetuoso.

“Nós não podemos gerar ideias que venham a juntar as vidas das pessoas se perdermos contato com essas vidas tais como são. Se não soubermos reconhecer as pessoas, como se apresentam, sentem e experienciam o mundo, nós nunca seremos capazes de as ajudar a conhecerem-se a elas mesmas ou a mudar o mundo. Ler o *Capital* não nos ajudará se não formos capazes, também, de ler os sinais que nos mostram as ruas.” [1] Marshal Berman foi escritor, pensador e filósofo, passou a sua vida a estudar as cidades que amava, sem nunca deixar de procurar no processo da modernidade que as ergueu o humanismo que tanto caracteriza a sua escrita. Estudou e lecionou em Oxford e Harvard, das quais dizia serem universidades “intelectualmente excitantes, mas socialmente solitárias”, na década de sessenta mudou-se para a City University de Nova York, cidade onde nasceu e mais tarde se tornou um dos principais impulsionadores da revista *Dissent* [2]. Berman faleceu no último dia onze de setembro, aos 72 anos, foi um dos pensadores marxistas mais importantes da segunda metade do século XX e, com toda a certeza, o mais doce e o mais afetuoso. A sua obra é um perigo, do qual dificilmente nos libertamos se por um acaso tropeçarmos na armadilha de uma primeira frase.

“Tudo o que é sólido se dissolve no ar”

Lançado em 1982, o livro, cujo título Berman colheu no Manifesto Comunista [2], apresenta-se como uma das mais generosas leituras da modernidade que temos ao nosso dispor. Ao longo das suas muitas páginas, Berman mostra-nos que a referência de Marx à diluição permanente operada pela reconfiguração produtiva é, também, uma análise profunda da vida tal como experienciada pelo “ser moderno”, os homens e as mulheres nas ruas das novas cidades. “Na primeira metade do Manifesto, Marx equaciona as polaridades que irão moldar e animar a cultura do modernismo no século seguinte: o tema dos desejos e impulsos, da revolução permanente, do desenvolvimento infinito, da perpétua criação e renovação em todas as esferas da vida; e a sua antítese radical, o tema do niilismo, da destruição insaciável, do estilhaçamento e trituração da vida, do coração das trevas, do horror.” [3] Por isso mesmo, Berman reclama ao Manifesto um lugar entre as gigantes criações da

modernidade e a Marx o legítimo reconhecimento de um autor fundacional da moderna cultura política e social, juntando-o assim à sua geração, a de 1840, da qual se destacaram Baudelaire, Flaubert, Wagner, Kierkegaard e Dostoiévski.

Os poetas e a tradução da modernidade

A relação entre o marxismo e a modernidade foi sempre uma das principais inquietações de Marshal Berman, o que o fez procurá-la nos campos mais improváveis, como o da poesia e da literatura. Uma das passagens mais entusiasmantes de *Tudo o que é sólido se dissolve no ar* é aquela na qual Berman nos apresenta um poema em prosa de Baudelaire. O poema intitula-se *A Perda do Halo*, escrito em 1865 mas rejeitado pela imprensa, só foi publicado após a morte de Baudelaire. A ação desenvolve-se na forma de diálogo entre um poeta e um ?homem comum?, diálogo que se trava em *un mauvais lieu*, um lugar sinistro ou de má reputação, talvez um bordel, para embaraço de ambos. O homem comum, que sempre alimentara uma ideia elevada do artista, sente-se frustrado ao encontrar um deles em tal lugar: ?O quê! Você aqui amigo? Você num lugar como este, você que come ambrósia e bebe quintessências! Estou espantado». O Poeta replica, explicando-se ? «Meu amigo, sabe como me aterrorizam os cavalos e os veículos? Bem, agora mesmo atravessava a avenida com muita pressa, chapinhando na lama, no meio do caos, com uma morte galopando na minha direção, vinda de todos os lados, quando fiz um movimento brusco e o halo me caiu da cabeça, indo parar ao lodaçal de macadame. Estava demasiado assustado para o apanhar.?

Numa primeira leitura o poema não pode deixar de causar alguma estranheza. A alusão alegórica do poeta é intrigante; o halo, aparentemente, representa uma elevação, uma superioridade moral que, de súbito, se estatela no lodaçal. Para o poeta parece não haver maneira de o recuperar. Não é, contudo, na queda que reside o foco de Berman, mas naquilo que o faz cair ? ?O homem moderno arquétipo, como o vemos aqui, é o peão lançado no turbilhão do tráfego da cidade moderna, um homem sozinho, lutando contra um aglomerado de massa e energias pesadas, velozes e mortíferas. O borbulhante tráfego da rua e da avenida não conhece fronteiras espaciais nem temporais, espalha-se por todos os espaços urbanos, impõe o seu ritmo ao mesmo tempo de todas as pessoas, transforma o ambiente moderno em «caos». O caos aqui não reside apenas nos que passam ? cavaleiros ou cocheiros, cada qual procurando o melhor caminho que pode haver ? mas na sua interação, na totalidade dos seus movimentos num espaço comum. Isso faz da avenida um símbolo perfeito das contradições internas do capitalismo: racionalidade em cada unidade capitalista individualizada, que conduz à irracionalidade anárquica do sistema social que reúne todas essas unidades. ? É no seio deste processo, então, que devemos interpretar a perda da distinção herdada pelo poeta, no qual é lançada a luz da mercadorização sobre a atividade humana; referência que podemos, uma vez mais, encontrar no Manifesto ? ?A burguesia arrancou o halo a toda a atividade humana até aqui honrada e encarada com reverente respeito. Transformou o médico, o advogado, o padre, o poeta, o homem da ciência em trabalhadores assalariados.?

?O ser inquieto?: a busca pela autenticidade.

O que é pessoal, o que tomamos por íntimo e intransmissível pode bem ser um problema político. ?Ser autêntico, autenticamente si mesmo, é ver criticamente através das forças que

limitam e restringem o nosso ser, e lutar para superá-las. Os homens e mulheres do iluminismo acreditavam que quando as pessoas percebessem as forças restritivas, estas poderiam ser superadas. Mas quão radicais têm de ser essas transformações, nas nossas vidas sexuais e sociais, de modo a nos reconhecermos a nós mesmos??[4] Berman estudou o individualismo radical nas suas versões mais heterógeneas: a proposta utilitarista (tão criticada por Marx), o romantismo e as obras precursoras de Rousseau e Montesquieu. O que, segundo ele, faz da autenticidade ? estado no qual a individualidade é plenamente desenvolvida e expressada e não submetida ou sacrificada ? um já velho *leitmotiv* da cultura ocidental. Essa concepção da individualidade, embora moldada e reivindicada por campos políticos distintos face às convulsões históricas do período 1848-1945, conduzir-nos-ia à advertência de Hannah Arendt, segundo a qual a aniquilação do particular está no germe do totalitarismo, numa clara referência às duas tragédias políticas do século XX (o nazi-fascismo e o stalinismo) que a seu modo aprisionaram parte da produção marxista.

A geração da ?new left?, da qual Berman fez parte, ajudou o marxismo a reencontrar as multitudes da obra fundadora, recolocando ao nosso dispor a busca pela superação da opressão em múltiplas esferas da nossa vida, da alienação contida no processo de trabalho ao brutalizar contínuo das identidades. Berman procurou em Marx a expressão de um individualismo capaz de se afastar da mera celebração rasteira de uma burguesia que é ?vulgar e desprezível porque parece satisfeita consigo própria, porque não apreende as possibilidades humanas que as suas próprias atividades geraram?. Ao contrário do que nos diz a advertência implícita de Arendt, Marx concebeu o livre desenvolvimento do indivíduo como condição para o livre desenvolvimento de todos, e avançou na descoberta das restrições coletivas enfrentadas por aqueles que vivem do seu trabalho.

Berman acrescenta a esse conhecido adágio a largura histórica da própria modernidade, que insuflou e agitou as possibilidades da vida ao nosso dispor, mas que, ao contrário das épocas anteriores, nos submete a um sentimento de catástrofe iminente ? ?tudo o que é sólido se dissolve no ar?. O marxismo como ?política de vida boa? pode ser, nesse contexto, uma razão estratégica para a autenticidade, que dá forma a uma organização contra a castração das possibilidades que contemos[5]. A superação da exploração, da subalternidade das opressões, o pleno desenvolvimento do nosso ser e a conseqüente luta contra a tristeza, amargura e angústia de reconhecermos as limitações que nos são impostas por uma relação de classe é uma possibilidade que nos foi legada pela modernidade. Berman ajudou-nos a compreender como o marxismo, tantas vezes dado como morto e enterrado, pode ser uma expressão inteligível, generosa e necessária dessa possibilidade.

Marshal Berman dissolveu-se no ar, mas o que é sólido, como a sua obra, pode bem permanecer por muito tempo.

Notas:

[1] ?The signes in the street: a response to Perry Anderson [3]?, in *New Left Review*, 144, Abril 1984.

[2] ?A revolução contínua da produção, o abalo constante de todo o sistema social, a agitação permanente e a falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de poderem ossificar-se. Tudo que era sólido se dissolve no ar, tudo o

que era sagrado é profanado, e os homens são, por fim, obrigados a encarar com serenidade as suas condições de existência e as suas relações recíprocas.?

[3] BERMAN, Marshal (1982), *Tudo o que é sólido se dissolve no ar*, São Paulo: Editora Schwarcz.

[4] BERMAN, Marshal (1970), *The Politics of Authenticity: Radical Individualism and the Emergence of Modern Society*, London: Verso.

[5] BERMAN, Marshal (1998) *Adventures in Marxism*, London: Verso.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogsfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

Source URL: <http://www.esquerda.net/en/node/29459>

Links:

[1] <http://www.esquerda.net/en/node/17869>

[2] <http://www.dissentmagazine.org/blog/how-the-rich-got-richer>

[3] <http://newleftreview.org/l/144/marshall-berman-the-signs-in-the-street-a-response-to-perry-anderson>